

# Orações hipotáticas adverbiais e mudança de tópico em narrativas orais e em narrativas escritas do português

**Juliano Desiderato Antonio  
(Universidade Estadual de Maringá)**

## **Resumo**

**N**este trabalho, investiga-se o emprego de orações hipotáticas adverbiais na mudança de tópico em narrativas orais e em narrativas escritas. Os fatores posição da oração hipotática adverbial em relação à oração-núcleo e o estatuto da informação ajudam a explicar a preferência dos informantes pelas orações temporais exercendo função de mudança de tópico, uma vez que essas orações ocorrem com maior frequência em posição anteposta, codificando informação dada.  
Palavras-chave: Combinação de orações; Articulação de orações; Funcionalismo; Gramática funcional; Mudança de tópico.

## **1 Considerações iniciais e metodológicas**

Uma das grandes contribuições do funcionalismo é a inclusão de fatores

pragmáticos na análise de fenômenos lingüísticos. Neste trabalho, pretende-se investigar o emprego de orações hipotáticas adverbiais na mudança de tópico em narrativas. Essa análise só é possível considerando-se fatores como o estatuto da informação codificada na oração hipotática adverbial e na oração-núcleo (informação nova, informação dada, informação acessível) e posição da oração hipotática adverbial em relação à oração-núcleo (anteposta, intercalada, posposta).

O conceito de tópico utilizado aqui baseia-se em JUBRAN ET AL (1992, p. 361):

Tomado no sentido geral de ‘acerca de’ o tópico manifesta-se (...) mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem.

A pesquisa foi realizada em um *corpus* formado por 10 narrativas orais e 10 narrativas escritas do português. Essas narrativas foram produzidas por dez informantes, alunos do Ensino Superior. A coleta dos dados foi feita a partir da exibição de um vídeo com uma história que seria recontada pelos sujeitos da pesquisa. A opção pela narrativa proveio do fato de que, para a produção desse tipo de texto, o filme serviria como um *script* a ser seguido pelos informantes, o que permitiria a obtenção de um *corpus* bastante homogêneo. Para se evitar que houvesse influência das falas do narrador ou de personagens sobre a maneira como os informantes formulariam lingüisticamente a história, a solução foi procurar um filme mudo, cuja seqüência de cenas fosse suficiente para a compreensão do enredo.

O vídeo escolhido foi “O pavão misterioso”, que se baseia em uma história do folclore nordestino de mesmo nome e que tem como personagens bonecos que representam seres humanos. Com duração de 9 minutos e 20 segundos, o enredo do filme se inicia com a chegada do protagonista à cidade onde acontecerão os fatos. Após conhecer o local e instalar-se em um hotel, o rapaz vai a uma festa popular e conhece uma moça por quem se apaixona. Entretanto, o pai da moça proíbe o amor dos dois. O rapaz vai, então, a uma oficina e constrói uma aeronave em forma de pavão que utiliza para fugir da cidade com sua amada.

Logo após assistirem ao filme, os informantes contaram a história oralmente, que foi gravada em fitas K-7. Em seguida, solicitou-se que a história fosse contada por escrito. Durante a redação, não foi permitido aos informantes ouvir a fita que haviam gravado, para que não houvesse influência do oral sobre o escrito.

No nível textual, foram considerados, durante a codificação dos dados, em todas as narrativas, os seis tópicos mais importantes do vídeo, apresentados a seguir:

- (1) chegada do rapaz à cidade;
- (2) andanças do rapaz pela cidade;
- (3) encontro do casal e separação após a chegada do pai;
- (4) entrada do rapaz na casa e sua expulsão;

- (5) plano de fuga;
- (6) fuga.

Foi considerada, também, durante a codificação dos dados, em todas as narrativas, a estrutura da narrativa proposta por LABOV e WALETZKY (1967). Esses autores distinguem cinco partes na análise funcional que fazem da estrutura da narrativa:

- (1) orientação: essa parte fornece ao leitor / ouvinte informações sobre o pano de fundo da narrativa, tais como personagens, lugar, tempo, situação;
- (2) complicação: é a parte essencial da narrativa; traz os eventos que complicam as ações;
- (3) avaliação: é a parte da narrativa que revela a atitude do narrador em relação à narrativa;
- (4) resolução: apresenta a solução para os eventos que complicam a ação;
- (5) coda: é uma parte adicional à resolução que retorna a perspectiva verbal para o momento presente.

## 2 Considerações teóricas

Um ponto comum a praticamente todos os modelos funcionalistas é o estabelecimento de uma distinção entre os tipos de estruturas abrigadas pela gramática tradicional sob o rótulo de subordinação (DECAT, 1993). Os tipos de relações estabelecidas entre a oração tradicionalmente chamada “principal” e a chamada “subordinada”, nos exemplos 1 e 2 a seguir, são entre termos diferentes, conforme se pode explicar a partir do modelo de DIK (1989).

Exemplo 1

.. mas logo desvenda .. que a cidade é muito triste,<sup>2</sup>

Exemplo 2

Quando ele chegou na cidade, foi diretamente para um hotel.

Na teoria funcionalista de DIK (1989), o modelo de estrutura subjacente da oração é composto, em seu primeiro e mais fundamental nível, o predicado, que é aplicado a um certo número de termos de tipos apropriados. O predicado designa propriedades ou relações, ao passo que os termos são usados para se referir a entidades. No exemplo citado por DIK, o verbo DAR é um predicado que estabelece relações entre três entidades: o DOADOR, o OBJETO DOADO e o RECEPTOR. A aplicação do predicado a esses três termos resulta no segundo nível da estrutura subjacente da oração, a predicação, que designa um estado de coisas, ou seja, a concepção de algo que pode existir ou ocorrer em algum mundo. A predicação é expandida por argumentos – termos exigidos pela semântica do predicado – e por satélites – termos que fornecem informação suplementar. A predicação pode ser construída em uma estrutura da terceira camada, a proposição, que designa um fato possível. O conteúdo proposicional pode ser verdadeiro ou

falso, pode ser mencionado, negado, defendido, lembrado, etc. A proposição, quando recebe força ilocucionária, por meio da aplicação de operadores ilocucionários - declarativo, interrogativo ou imperativo - constitui uma frase, que corresponde à unidade da quarta camada, o ato de fala.

No caso do exemplo 1, a oração sublinhada é um argumento exigido pela semântica do predicado para formar uma predicação nuclear completa. Já no exemplo 2, a oração sublinhada (satélite) acrescenta uma informação relativa à circunstância de tempo, que não é condição para que a predicação nuclear da oração principal seja satisfeita.

Dessa forma, as orações tradicionalmente chamadas subordinadas substantivas se relacionam com a oração principal de forma diferente das orações conhecidas na tradição gramatical como subordinadas adverbiais. NEVES descreve as relações do primeiro tipo como “verticais” e as do segundo tipo como “laterais” (1997), ou as do primeiro tipo como de “constituência” e as do segundo tipo como de “interdependência” (2003).

No modelo de HALLIDAY (1985), que tem como base o complexo de orações - seqüências de orações estruturalmente ligadas -, pode-se encontrar uma taxonomia capaz de distinguir esses tipos de orações “subordinadas”. No sistema tático do modelo de HALLIDAY, há dois tipos de interdependência: paratática e hipotática. No primeiro caso, a relação se estabelece entre elementos de mesmo estatuto, sem que um dependa do outro, como no exemplo 3 a seguir. No segundo caso, o estatuto dos elementos não é igual, ou seja, um elemento modifica o outro, sendo o modificador dependente do modificado, como no exemplo 2 mencionado anteriormente.

### Exemplo 3

.. ouviu música,  
assistiu danças,  
... e andou pela praça.

HALLIDAY apresenta também um mecanismo chamado *integração* ou *encaixamento*. Nesse mecanismo, uma oração funciona como elemento constituinte da estrutura de outra oração, como no exemplo 1 mencionado anteriormente. A relação da oração encaixada com uma oração externa é indireta, pois o grupo que forma com a oração principal funciona como intermediário nessa relação. Assim, uma oração encaixada não estabelece relações táticas com outras orações, apenas relações lógico-semânticas.

As orações hipotáticas adverbiais, na taxonomia de HALLIDAY, correspondem à combinação entre encarecimento e hipotaxe. O termo encarecimento (*enhancement*, em inglês) é utilizado no sentido de realce, ou seja, a oração dependente modifica a oração-núcleo, expressando notações de tempo, espaço, modo, causa, condição, introduzidas por preposições, conjunções ou locuções conjuntivas hipotáticas. CHAFE (1984) diz que a oração hipotática adverbial serve para “emoldurar” o conteúdo da oração-núcleo.

Como pode ser observado, ao contrário do modelo tradicional, no modelo funcionalista, a ‘coordenação’ e a ‘subordinação’ não são vistas como categorias estanques e antagônicas. Autores como LEHMANN (1988) e GIVÓN

(1990) sugerem que essas categorias são, na verdade, um contínuo, que vai da parataxe ao encaixamento, havendo uma menor dependência na parataxe e uma maior dependência no encaixamento. Esses autores também defendem que nenhuma oração é completamente independente do contexto oracional imediato em que ocorre. O contínuo sugerido por LEHMANN e GIVÓN pode ser melhor visualizado por meio de traços, como nos exemplos do quadro 1.

**Quadro 1** - Traços que definem os tipos de orações

	dependente	encaixada	
parataxe	-	-	.. ouviu música, assistiu danças, ... e andou pela praça.
hipotaxe	+	-	<u>Quando ele chegou na cidade,</u> foi diretamente para um hotel.
encaixamento	+	+	.. mas logo desvenda .. <u>que a cidade é muito triste,</u>

### 3 Mudança de tópico nas narrativas do *corpus*

#### 3.1 Frequência

No *corpus* analisado, foram encontrados sete tipos de orações hipotáticas adverbiais, a saber: causais, concessivas, consecutivas, finais, modais, proporcionais e temporais. No entanto, apenas as temporais e as causais foram escolhidas pelos informantes para introduzir tópicos discursivos novos, como no exemplo 4, encontrado em uma narrativa oral:

Exemplo 4

5 ... chegando nessa cidade,<sup>3</sup>

6 ... ele pegou sua bagagem,

No exemplo, a oração temporal da unidade 5 retoma as informações do tópico discursivo anterior, *chegada do rapaz à cidade*, para ancorar o lançamento de um novo tópico discursivo, *andanças do rapaz pela cidade*, do qual faz parte a unidade 6.

As orações hipotáticas adverbiais foram empregadas pelos informantes com a finalidade de mudança de tópico por 16 vezes nas narrativas orais e por 15 vezes nas narrativas escritas. Dessas 31 ocorrências, 30 foram com orações temporais e apenas uma com oração causal, o que revela a preferência dos informantes pelas orações temporais quando se trata de mudança de tópico. Essa preferência pode ser explicada com base nos fatores posição da oração hipotática adverbial em relação à oração-núcleo e estatuto da informação.

No que diz respeito às modalidades de língua, não se observa diferença de frequência no uso de orações hipotáticas adverbiais na mudança de tópico nas narrativas do *corpus*.

### 3.2 Posição da oração hipotática adverbial em relação à oração-núcleo

Segundo GIVÓN (1990; 1993; 1995), em posição intercalada ou anteposta à oração-núcleo, uma oração hipotática adverbial exerce função de reorientação temática, geralmente marcando rupturas temáticas no discurso. Essa afirmação de GIVÓN pode ser confirmada no *corpus*. É o caso do exemplo 5, encontrado em uma narrativa oral, no qual a oração-núcleo (unidade 49) lança um novo tópico (*o plano de fuga*) com base na retomada de informação feita pela oração causal da unidade 47.

Exemplo 5

**47** ... depois tendo em vista que tava gostando da moça,

**48** .. ele pegou e .. expulso né,

**49** .. foi numa oficina.

Do ponto de vista pragmático, NEVES (1999) aponta, nas construções causais, a ocorrência de um tópico (pressuposto) que funciona como base temática para a asserção temática seguinte (nova). Assim, dependendo do conectivo causal utilizado pelo falante, a ordem da oração hipotática causal em relação à oração-núcleo poderá variar. O conectivo *como* geralmente traz informação partilhada pelo produtor do texto e por seu interlocutor, motivo pelo qual as construções causais iniciadas por *como* são sempre antepostas. O conectivo *porque*, por sua vez, tem função remática, ou seja, as orações introduzidas por essa conjunção apresentam informação nova. Por esse motivo, as orações hipotáticas causais iniciadas por *porque* são quase sempre pospostas. O conectivo *já que* pode funcionar de ambas as formas, ou seja, tanto pode trazer conteúdo pressuposto, em posição anteposta, como introduzir informação nova, em posição posposta.

Nas narrativas do *corpus*, como pode ser observado no quadro 2, essas observações podem ser confirmadas. As conjunções *porque* e *pois* ocorrem apenas em orações pospostas à oração-núcleo. O juntivo *como*, por sua vez, ocorre apenas em orações antepostas à oração-núcleo e em orações intercaladas. O juntivo *que* tem apenas uma ocorrência, na qual a oração causal está posposta à oração-núcleo. A locução conjuntiva *já que* tem apenas uma ocorrência e essa ocorrência está em uma oração posposta à oração-núcleo. O juntivo *por*, que também não tem posição fixa, aparece em três orações pospostas à oração-núcleo e em uma oração intercalada que, a rigor, é posposta. A expressão conjuntiva *tendo em vista que*, que também pode variar de posição, apresenta apenas uma ocorrência. Nessa ocorrência, essa locução conjuntiva está em uma oração intercalada.

No caso das orações temporais, há uma preferência dos informantes pela posição anteposta, como pode ser observado no quadro 3.

## Quadro 2 – Posição vs. juntivo das orações causais nas narrativas dos informantes

Orações hipotáticas adverbiais e mudança de tópico em narrativas orais e em narrativas escritas do português

	Oral						Escrita					
	anteposta		Intercalada		posposta		anteposta		Intercalada		posposta	
	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%
porque	-	-	-	-	2/7	29%	-	-	-	-	-	-
pois	-	-	-	-	4/7	57%	-	-	-	-	6/7	86%
já que	-	-	-	-	1/7	14%	-	-	-	-	-	-
como	1/2	50%	3/5	60%	-	-	1/2	50%	3/4	75%	-	-
que	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
por	-	-	-	-	-	-	-	1/4	25%	-	-	-
tendo em vista que	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
outro juntivo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
sem juntivo (reduzida)	1/2	50%	2/5	40%	-	-	1/2	50%	-	-	1/7	14%

## Quadro 3 – Posição das orações temporais

	Anteposta		intercalada		Posposta	
	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%
oral	28/52	53,8%	16/52	30,8%	8/52	15,4%
escrita	37/53	70%	7/53	13%	9/53	17%

Em posição anteposta, a oração temporal exerce a função de “emoldurar” a oração-núcleo, como no exemplo 6 a seguir, encontrado em uma narrativa escrita, no qual a oração temporal traz a circunstância na qual ocorrerão as ações das orações seguintes.

### Exemplo 6

De repente quando já estava para sair dali, deixou de caminhar e esperou uma moça que estava vindo ao seu encontro.

### 3.3 Estatuto da informação

Além da posição da oração hipotática adverbial em relação à oração-núcleo, outro fator que deve ser levado em consideração é o estatuto da informação. Os três estados de ativação apontados por CHAFE (1980; 1985; 1987; 1988; 1992; 1994) – ativo, semi-ativo e inativo – não se aplicam a todos os elementos de uma oração, mas aos sintagmas nominais, sintagmas verbais e sintagmas adjetivos que codificam as idéias - chamadas por ele de *conceitos* - que as pessoas têm sobre objetos, eventos, propriedades, etc.

Um conceito ativo é o que está no foco de consciência do falante e que este julga estar também ativo para o ouvinte. Geralmente é verbalizado com pouca proeminência tônica e vem representado por pronominalização ou zero. A expressão *conceito ativo* corresponderia, na terminologia tradicionalmente utilizada, à expressão *informação dada*.

Um conceito semi-ativo, por sua vez, é o que está na consciência periférica do falante, que tem um conhecimento prévio dele, mas não o está focalizando diretamente. Um conceito pode tornar-se semi-ativo de duas formas.

Primeiramente, quando um conceito está ativo e depois sai do foco de consciência da pessoa, ele não vai direto para o estado inativo; durante algum tempo, ainda permanece no estado semi-ativo. Esse é o caso de conceitos já mencionados em um determinado ponto do discurso, que só irão para o estado inativo se não forem mencionados novamente. A outra forma são os esquemas e *frames*<sup>1</sup>. Quando se evoca um esquema ou um *frame*, tudo que está relacionado a ele entra no estado semi-ativo. Os conceitos semi-ativos representam uma nova categoria na antiga oposição informação nova x informação dada. A expressão *informação acessível* pode ser utilizada para designar os conceitos semi-ativos.

Um conceito inativo é um conceito que está na memória de longo termo da pessoa, mas que não está sendo focalizado diretamente, nem está semi-ativo por ter sido mencionado anteriormente no discurso ou poder ser evocado por um esquema. Para ser ativado, um conceito inativo exige mais esforço cognitivo do que um conceito semi-ativo, o que acaba ocasionando as pausas entre as unidades de entoação. Na terminologia tradicional, a expressão *conceito inativo* corresponde à expressão *informação nova*.

Uma dificuldade encontrada na aplicação da proposta de CHAFE, que tem embasamento cognitivista, diz respeito ao fato de que quem analisa um texto não pode “entrar na cabeça” dos interlocutores para julgar o que está ativo, semi-ativo ou inativo. Mas uma outra proposta tem encontrado bastante respaldo no meio funcionalista. Trata-se do tratamento dado por PRINCE (1981) à questão do fluxo de informação. Embora utilize uma taxonomia diferente para denominar o estatuto informacional, como pode ser observado na figura 1, no modelo de PRINCE, a definição do estatuto informacional das entidades do discurso é feita textualmente, ou seja, um elemento será considerado novo quando for mencionado pela primeira vez no texto, será considerado evocado quando for retomado, e será considerado inferível quando fizer parte de um modelo cognitivo como um *frame* ou um esquema.

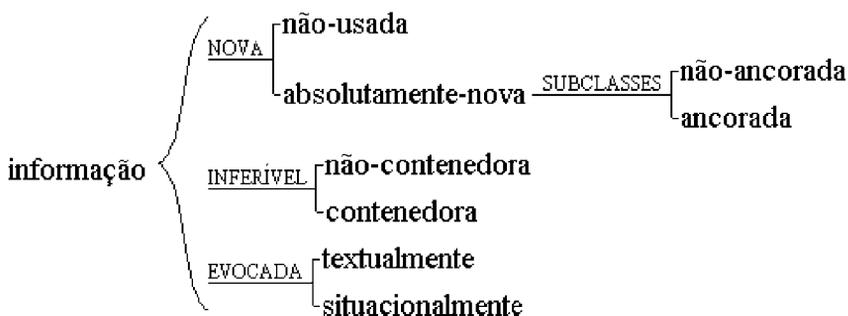


Figura 1 - Diagrama da taxonomia de PRINCE

Neste trabalho, quando se tratar de estatuto informacional, a definição será feita textualmente, como no modelo de PRINCE, mas será mantida a terminologia mais difundida - *informação nova*, *informação dada*, *informação acessível* -, uma vez que, para os propósitos deste trabalho, não haverá necessidade de um refinamento tão grande como o proposto por PRINCE.

No caso da mudança de tópico, a oração hipotática adverbial, além de estar anteposta à oração-núcleo, também codifica informação dada, como pode ser observado nos quadros 4 e 5.

**Quadro 4** – Posição vs. estatuto da informação das orações temporais

		Anteposta		intercalada		posposta	
		N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%
oral	dada	28/28	100%	6/16	38%	-	-
	nova	-	-	7/16	44%	8/8	100%
	acessível	-	-	3/16	19%	-	-
escrita	dada	34/37	92%	2/7	29%	1/9	11%
	nova	-	-	4/7	57%	7/9	78%
	acessível	3/37	8%	1/7	14%	1/9	11%

Pode-se observar, no quadro 4, que as orações temporais em posição anteposta trazem, em sua grande maioria, informação dada. Por outro lado, em posição posposta à oração-núcleo, as orações temporais codificam majoritariamente informação nova. Em posição intercalada, também codificam mais informação nova, porém a freqüência com que o fazem é mais baixa do que em posição posposta.

**Quadro 5** – Posição vs. estatuto da informação das orações causais

		Anteposta		intercalada		posposta	
		N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%
oral	dada	2/2	100%	1/5	20%	1/7	14%
	nova	-	-	1/5	20%	5/7	71%
	acessível	-	-	3/5	60%	1/7	14%
escrita	dada	2/2	100%	1/4	25%	-	-
	nova	-	-	1/4	25%	6/7	86%
	acessível	-	-	2/4	50%	1/7	14%

Pode-se observar, no quadro 5, que, em posição anteposta à oração-núcleo, as orações causais codificam informação dada em todas as ocorrências, ou seja, exercem função de tópico da oração-núcleo. Em posição intercalada, as orações causais codificam informação nova e informação acessível com maior freqüência do que informação dada. Em posição posposta à oração-núcleo (posição em que há o maior número de ocorrências das orações causais), observa-se que as orações causais codificam majoritariamente informação nova, com freqüência que varia de 71% a 100%.

Com base nesses dados, pode-se relacionar a preferência dos informantes pelas orações temporais nas mudanças de tópicos nas narrativas. Essas orações ocorrem com maior freqüência em posição anteposta, codificando informação dada.

## 4 Considerações finais

Neste trabalho, analisou-se o uso das orações hipotáticas adverbiais na mudança de tópico em narrativas. O *corpus* analisado é formado por 10 narrativas orais e 10 narrativas escritas, produzidas por informantes do Ensino Superior.

Três fatores foram levados em conta na análise: frequência de uso, posição da oração hipotática adverbial em relação à oração-núcleo e estatuto da informação.

No que diz respeito à frequência de uso, observou-se a preferência dos informantes pelo emprego de orações temporais na mudança de tópico, uma vez que foi encontrada apenas uma ocorrência de outro tipo de oração hipotática adverbial efetuando mudança de tópico. Tratava-se de uma oração causal. As modalidades de língua oral e escrita não apresentaram diferenças de frequência no que diz respeito ao uso de orações hipotáticas adverbiais na mudança de tópico.

Os fatores posição da oração hipotática adverbial em relação à oração-núcleo e estatuto da informação ajudam a explicar a preferência dos informantes pelas orações temporais exercendo função de mudança de tópico, uma vez que essas orações ocorrem com maior frequência em posição anteposta, codificando informação dada.

Assim, percebe-se a importância de se analisar os fatores pragmáticos no estudo da combinação de orações, uma vez que a escolha, pelos usuários da língua, das orações hipotáticas adverbiais temporais para a função de mudança de tópico nas narrativas foi motivada pelos fatores posição da oração hipotática adverbial em relação à oração-núcleo e estatuto da informação. Como diz DU BOIS (1985, p. 363), “as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais”.

### Abstract

This paper investigates the use of adverbial hypotactic clauses in topic change in oral narratives and in written narratives, in Brazilian Portuguese. Position of the adverbial hypotactic clauses towards the nucleus-clause and information status are helpful to explain the preference of the subjects for the temporal clauses in topic change, once these clauses are more frequent pre-posed to the nucleus-clause, coding given information.

Keywords: Clause combining; Functionalism; Functional grammar; Topic change

### Nota

<sup>1</sup> Apesar de o termo *frame* poder ser traduzido por moldura, optou-se pela manutenção do original em inglês devido à sua ampla divulgação na literatura lingüística de língua portuguesa, como FAVERO (1991), KOCH e TRAVAGLIA (1990), MARCUSCHI (1983).

<sup>2</sup> Na transcrição das narrativas orais, os pontos indicam pausa. Quanto mais pontos, maior a pausa.

<sup>3</sup> Os números indicam a ordem em que aparecem unidades de entoação (narrativas escritas) nos textos do *corpus*.

## Referências bibliográficas

- CHAFE, W. *The Pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980.
- \_\_\_\_\_. How people use adverbial clauses. *Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, v. 10, p. 437-449, 1984.
- \_\_\_\_\_. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 105-123.
- \_\_\_\_\_. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987, p. 21-51.
- \_\_\_\_\_. Linking Intonation Units in Spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988, p. 1-27.
- \_\_\_\_\_. The flow of ideas in a sample of written language. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse Description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992. p. 267-294.
- \_\_\_\_\_. *Discourse, Consciousness and Time*. The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- DECAT, M. B. N. *"Leite com manga, morre!": da hipotaxe adverbial no português em uso*. Tese de doutorado. PUC-SP, 1993.
- DIK, C. S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1990. v. 2.
- \_\_\_\_\_. *English grammar: a function-based introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1993. v. 2.
- \_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: E. Arnold, 1985.
- JUBRAN, C. C. A. S. et al. Organização Tópica da Conversação. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado: níveis de análise linguística*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. v. 2, p. 359-440.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience.

In: HELM, J. (ed.) *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Washington: University of Washington Press, 1967, p. 12-44.

LEHMAN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988. p. 181-224.

MARCUSCHI, L. A. *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983.

NEVES, M. H. M. *A articulação de orações: reflexões de base funcionalista*. Maceió: Congresso da Abralín, 1997. Mimeo.

\_\_\_\_\_. As construções causais. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. 7, p. 461-496.

PRINCE, H. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981, p. 223-255.